

O Carrasco do Outro

Gil Sibin — 17 de agosto de 2026



Registro da performance, abril de 2011. Instituto de Artes da Unicamp, Campinas.

Em abril de 2011, no Instituto de Artes da Unicamp, fiz a primeira apresentação pública de uma ação que ainda não sabia nomear. Não havia câmera de vídeo. Ninguém filmou. Do que aconteceu naquela sala restaram algumas fotografias e a memória de quem estava presente — e essa ausência de registro, que na época me pareceu um descuido, hoje me parece parte do trabalho.

A ação era simples de descrever e difícil de assistir. Eu repetia uma frase, obsessivamente, sem interromper. Ao mesmo tempo, um segundo participante começava a envolver meu corpo com filme plástico transparente, começando pelas pernas e subindo devagar. O plástico ia fechando os joelhos, a cintura, os braços contra o tronco, o pescoço. A frase continuava. Nos instantes finais, já quase inteiramente envolto e prestes a ter a boca vedada, eu dizia uma segunda frase, uma única vez. Depois disso não havia mais voz — só o som da respiração dentro do plástico. A ação terminava ali, nesse limiar.

A primeira frase era "o inferno são os outros".

É provavelmente a sentença mais mal citada do século XX. Está em *Entre Quatro Paredes*, peça que Jean-Paul Sartre escreveu e estreou em Paris em 1944, com a cidade ainda ocupada. Três personagens mortos são trancados juntos numa sala sem espelhos, sem janelas e sem sono, esperando um carrasco que nunca chega — porque não é necessário. Popularmente, a frase virou sinônimo de misantropia, o resmungo de quem prefere ficar sozinho. Sartre passou anos desmentindo essa leitura. O que ele disse é outra coisa: quando nossas relações com os outros estão torcidas, viciadas, então o outro só pode ser o inferno. E disse mais — que dependemos do olhar alheio até para saber quem somos, porque nos julgamos com os instrumentos que os outros nos deram.

A segunda frase, a que eu dizia uma vez só antes de calar, era "cada um de nós é o carrasco do outro". Ela também é da peça. É de Inès, e no original diz que o carrasco é cada um de nós para os outros dois. Não é a frase famosa. É a que explica a frase famosa.

Colocadas na ação, as duas mudam de peso. Porque ali o outro não está apenas olhando: o outro está enrolando o plástico. A prisão não é uma metáfora nem uma condição existencial abstrata — é construída, camada por camada, pelas mãos de outra pessoa, com o meu consentimento e diante de uma plateia que assiste sem intervir. E quando o corpo está inteiramente coberto, quem olha já não me vê: vê o que o outro colocou sobre mim. A dependência do olhar alheio que Sartre descreve deixa de ser um argumento e vira uma camada física, translúcida, que distorce tudo o que está embaixo.

Durante a ação eu declamava um poema que escrevi para ela.

Meu braço sobra.
Minha mão falta.
Minha boca treme.
A dor me isola.
A dor me prende.
Me desfoca.
Me devassa, devassa, devassa.
A dor do outro.
Tem altura de um grito.
É a dor do osso.
Fecha os olhos. Fecha.
O vazio te consome.
É muito maior que teu corpo inteiro.
Acorda.

Teu corpo é que grita. Que chora.
A dor nasce do espanto.
A dor. A dor do outro.
A redenção.
Se é condenado,
eu sofro muito.
A vida é tua sentença. Sofre.
Sofre por querer.
Sofre por sofrer.
Uma parte de mim pesa. Pesa.
A outra parte delira. Delira.
Eu morri. Fui aos céus.
Desci para o fundo.
Desci para o sofrimento.
Abre a cabeça. Te despi dos teus sonhos vazios. O inferno é aqui.
O inferno são os outros.
Cada um de nós é o carrasco do outro.

A ação se aproxima do que se convencionou chamar de body art, campo em que o corpo deixa de funcionar como suporte da obra e passa a ser a própria matéria da experiência. Plastificado aos poucos, o corpo vira uma espécie de escultura viva — vulnerável e simbólica ao mesmo tempo. Há um precedente exato para o gesto, e ele vem de onde eu menos esperava quando comecei: em 1968, Christo envolveu uma modelo viva em tecido e corda, num projeto para o Instituto de Arte Contemporânea da Universidade da Pensilvânia. *Wrapped Woman*. O mesmo homem que embrulharia o Reichstag começou embrulhando uma pessoa.

Só bem depois percebi o que 2011 tinha sido para mim. No mesmo ano, no mesmo campus, eu revesti com papel filme uma baia de banheiro masculino do Instituto de Artes — o trabalho que chamei de *Protegido* — e escrevi uma pesquisa sobre Diane Arbus em que dediquei um capítulo à representação da dor. Um ano, três trabalhos, uma obsessão só. O material é literalmente o mesmo: o rolo de plástico transparente que serve para cobrir comida, para isolar, para proteger e para asfixiar. Primeiro cobri um lugar público onde as pessoas escrevem escondidas. Depois cobri a mim mesmo. Levei quinze anos para enxergar que era o mesmo gesto.



Registro da ação e, à direita, *A Dor do Outro: Ensaios sobre Autorretrato*, 2011.

Em 2014, a ação se desdobrou em vídeo, dentro da trilogia do ensaio fotográfico. São seis minutos e vinte e sete segundos, com concepção audiovisual, direção e filmagem de Leonardo Beraldo; a poética, a performance, o poema, a edição, a produção, o cenário e a narração são meus. O vídeo existe. A performance de 2011, não — e é justamente ela que continua me interessando mais.

Talvez seja apropriado. Uma ação sobre um corpo que desaparece sob camadas não deixou nada além de camadas: algumas fotografias, um poema, um vídeo feito três anos depois. O que aconteceu naquela sala em abril de 2011 está tão inacessível quanto o corpo dentro do plástico. Restou o contorno.